



Carlotta Santini¹

Nietzsche e o carnaval: um encontro fracassado?²

Résumé: Cet article met en lumière les étapes de ce que j'ai appelé une rencontre manquée entre Nietzsche et le Carnaval. La méthode utilisée dans cet article nous permet de mettre en parallèle une trame biographique, essentiellement chronologique et les comptes rendus de deux des plus importants observateurs du Carnaval (en particulier du Carnaval romain) au XVIII^e et XIX^e siècle, qui sont devenus des modèles pour ce genre de tractations : Johann Wolfgang Goethe et Ferdinand Gregorovius. On présentera ici un défilé des Carnavals de la vie de Nietzsche, qui nous amènera à toucher différentes villes italiennes et européennes et à nous interroger sur les multiples et différentes questions liées à la valeur de cette fête.

Abstract: This article highlights the steps of what I called a missed encounter between Nietzsche and Carnival. The method used in this article allows us to compare a biographical and essentially chronological frame together with the accounts of two of the most important observers of the Carnival (especially the Roman Carnival) in the eighteenth and nineteenth century: Johann Wolfgang Goethe and Ferdinand Gregorovius. We will present here a parade of the carnivals in Nietzsche's life, which will take us to different Italian and European cities and we will ask about the many different issues related to the value of this festival.

¹ Technische Universität (TU) – Berlim. Bolsista da Fundação Alexander von Humboldt. E-mail para contato: carlottasantini@hotmail.it .

² Este artigo foi concebido e escrito no projeto ANR SOURVA com o apoio do *Centro de Estudos Helênicos* da Universidade de Princeton. Quero agradecer especialmente a Emmanuel Désveaux por nossas conversas sobre o assunto e por suas sugestões sempre valiosas. Publicado originalmente na revista *Conférence* nº 42, printemps 2016. Tradução de Henry Burnett, com revisão técnica de Guilherme Ignácio da Silva.

Introdução

Aos olhos de um observador desavisado, o título deste artigo talvez pareça um divertimento um tanto superficial. Associar o nome de um autor “sério” como Nietzsche às farsas burlescas das festas de Carnaval, talvez cause a impressão de envolver em aproximações ilegítimas o sacro e o profano, o sério e o jocoso. No entanto, além do fato que o sagrado e o profano, o sério e o jocoso, a tragédia e a comédia são, necessariamente, binômios para Nietzsche, é preciso considerar que o filósofo de Naumburg se interessou de modo recorrente por esses fenômenos culturais que chamamos hoje de “populares”, aos quais pertence o Carnaval. Não pretendo defender a existência de uma teoria do Carnaval na obra de Nietzsche, seja uma teoria antropológica, sociológica ou histórica. Ainda assim, o Carnaval está presente, em filigranas, em diversos momentos da reflexão nietzscheana mais original e estimulante do ponto de vista filosófico.

Para citar apenas alguns momentos canônicos, gostaria de lembrar a centralidade da reflexão sobre os cultos populares na antiguidade e na Idade Média.³ Nietzsche considera principalmente os cultos dionisiacos dos tempos primordiais, na órbita dos escritos sobre a tragédia, em ligação com as práticas farsescas das pantomimas literárias do carnaval (*Fastnachtspiel*) e as representações sacras - mais sérias - da páscoa (mistérios e moralidades), que se seguem imediatamente após o primeiro e ao qual estão estreitamente ligadas.⁴ Da mesma forma, a relação entre o sublime e o cômico, o sério e o jocoso, o pudor e o obscenidade permite estabelecer uma linha significativa entre a reflexão de Nietzsche e o Carnaval. É só na aparência que formam pares de opostos, cuja co-presença assombra o mundo antigo e a Idade Média.⁵

³ Para uma análise antropológica aprofundada e atualizada sobre o carnaval moderno e as teorias sobre sua origem e difusão na Europa, ver Giovanni Kezich, *Carnevale Re da Europa*, Scarmagno, Priuli & Verlucca, 2015.

⁴ Sobre as pantomimas de Carnaval e de Páscoa na Idade Média, ver Hermann Reich, *Der Mimus*, Berlim, Weidmann, 1903.

⁵ Basta pensar na presença comum, nas catedrais, de figuras bizarras ou mesmo obscenas, como na Roraffe de Strasbourg, que deveria perturbar a celebração da missa de Páscoa com seus trejeitos e vulgaridades. A antiguidade grega e romana conhece, também, a mistura entre o sagrado e o profano, a sacralização da obscenidade em figuras como Baubo, representada nas estatuetas de Priene, que Nietzsche e Goethe muitas vezes comentam. Em um aforismo de *Humano, Demasiado Humano*, Nietzsche explicitamente aborda este tema: “À vista de certos instrumentos de sacrifício antigos. — Na união da farsa ou mesmo da obscenidade com o senso religioso, por exemplo, podemos ver como alguns sentimentos se perderam para nós: desaparece o sentimento da possibilidade dessa mistura, não apreendemos senão historicamente que ela tenha existido nas festas de Deméter e Dionísio, nos mistérios e peças pascais dos cristãos; mas ainda conhecemos a união do sublime ao burlesco e coisas afins, o comovente associado ao ridículo: o que talvez uma época futura não mais compreen-

Enfim, como poderíamos esquecer a questão da máscara e do riso, tão central no Zaratustra, e o tema da transvaloração dos valores e da ordem constituída, dito de outra forma, o “mundo às avessas”? Esse derradeiro conceito, tem para Nietzsche um valor eminentemente filosófico, adaptado para a inversão do sistema metafísico; nos cultos antigos, no Carnaval da Idade Média e até a época moderna, a inversão de valores, dos sexos e das hierarquias sociais possuíam um valor claramente político, dos quais Nietzsche estava bem consciente.⁶

Estas breves notas, que relembram as questões importantes em outros lugares da reflexão nietzscheana, foram escritas apenas para sinalizar um caminho de possíveis perspectivas dentro da discussão sobre o Carnaval no interior da reflexão filosófica de Nietzsche. Mas gostaria de propor algo completamente diferente neste ensaio. Gostaria de esclarecer os passos do que chamei de um reencontro fracassado entre Nietzsche e o Carnaval. Mas é, de fato, um encontro perdido? Isto será o leitor que vai julgar. Façamos aqui, em paralelo, uma trama biográfica, essencialmente cronológica, a partir dos registros de dois dos mais importantes observadores do carnaval (particularmente do carnaval romano) dos séculos XVIII e XIX, e que se tornaram modelos para este gênero de reflexão: Johann Wolfgang Goethe e Ferdinand Gregorovius. Nos deteremos nos carnavais da vida de Nietzsche: eles nos conduzirão por diferentes cidades italianas e europeias e nos farão interrogar sobre as múltiplas questões ligadas ao valor dessa festa. Para começar nossa viagem, será preciso ir longe, mas antes de chegar na Itália devemos começar pela Alemanha.

Os Carnavais do Reno

Nietzsche nasceu em 1844 na vila de Röcken, filho do pastor protestante Carl Ludwig Nietzsche e de Franziska Oehler, ela também filha de um pastor luterano. Depois da morte prematura de seu pai, o jovem Nietzsche foi educado por sua mãe na cidade de Naumburg, que atualmente pertence à região de *Sachsen-Anhalt*. Esta pe-

da.” (F. Nietzsche. *Humano, demasiado humano*, I, § 112, p. 93; trad. Paulo César de Souza. Companhia das Letras, 2000).

⁶ A deliberação do Senado conhecida pelo nome de *Senatus Consultum de Bacchanalibus*, de 189 a.C., que foi traduzida por Nietzsche em seu curso de epigrafia latina, é testemunho do fato de que a pena por excesso de Bacchanales tinha, na verdade, um valor político. Na verdade, se lemos os motivos da condenação, não se tratava de estigmatizar os excessos, mas eram as formas associativas, assuntos de bacanais que eram vistos como uma ameaça para o Estado. Legisladores romanos não estavam preocupados com a subversão da ordem social que ocorria durante os Bacchanales, denunciavam, em vez disso, a substituição de uma ordem diferente da primeira, de uma ordem emitida por *conjurações*, juramentos de assistência mútua, alianças econômicas de caráter comunista, a instituição de sociedades paralelas com seus próprios departamentos, como em uma loja maçônica.

quena cidade, situada não muito longe de Röcken, é hoje um caminho importante que se pode chamar de *Strasse der Romanik*, ou *Transromanica*. O centro da cidade é dominado pela massa imponente de sua magnífica catedral romana que, na época de Nietzsche, havia abandonado o culto católico romano já há três séculos, para se dedicar ao culto luterano. Esta breve introdução topográfica e confessional é útil para explicar o contexto no qual o jovem Nietzsche cresceu. Falando claramente, fora do culto católico o Carnaval não tem lugar no interior do tempo religioso (é diferente, claro, no caso das tradições populares e rurais). A diferença entre uma época normal e uma época de quaresma - e, por consequência, o tempo de pré-quaresma, o Carnaval -, presente no calendário católico-romano, não tem razão de ser dentro do calendário litúrgico luterano, no qual, a bem da verdade, a quaresma dura o ano inteiro. Assim, excetuando alguns divertimentos infantis,⁷ que se assemelham hoje às festas modernas de Halloween, nos países que não possuem esta tradição céltica, a experiência de Carnaval do jovem Nietzsche se reduz à nada.

As primeiras referências importantes ao Carnaval só aparecerão na correspondência de Nietzsche a partir dos primeiros anos universitários. Entre 1864 e 1865, Nietzsche estuda na Universidade de Bonn, no oeste da Alemanha, na região do Reno. Esta região, em particular as grandes cidades ao longo do rio, são célebres ainda hoje por seus carnavais desregrados. Não é por acaso que esta região da Alemanha, dos grandes carnavais citadinos, é a mesma que manteve mais claramente sua tradição católica. Ao longo do Reno e das regiões limítrofes, podemos contar muitas cidades onde surgiram as maiores cúpulas que a arquitetura católica nos deixou: Mainz, Spire, Worms e Colônia, que abrigam as maiores catedrais da Alemanha.

Nietzsche nos revela sua primeira experiência do carnaval renano em uma carta à sua mãe e à sua irmã, de fins de fevereiro de 1865. Nesta época, Nietzsche tinha 21 anos, e estava hospedado por um amigo em Colônia:

Nas últimas semanas todos os espíritos da Renânia estiveram agitados, era o grande carnaval de Colônia, onde eu não pus os pés (*beteiligt*), por toda sorte de motivos possíveis, em todo caso para espanto dos meus conhecidos e amigos (eKGWB, BVN-1865).

⁷ Meu agradecimento à Simone Zacchini, da Université de Sienne (seção d'Arezzo) que me apontou as ocorrências, nos escritos infantis de Nietzsche, que testemunham a existência de pequenas festas de carnaval.

O primeiro elemento desta citação para o qual gostaria de chamar atenção (e que, infelizmente, é pouco visível na tradução francesa) é o problema da participação no carnaval. A expressão utilizada por Nietzsche é *beteiligen*, um verbo que, em razão do seu prefixo *be-* sugere uma forma ativa de participação, e não somente uma forma estática de presença. *Beteiligen* não significa simplesmente participar da cena “assistindo-a”, mas sim “tomar parte” ativamente do evento.

Para definir melhor o que penso sobre este ponto, vou recorrer a uma anedota contemporânea. Um colega, autor de um belo livro sobre Nietzsche e a Grécia, mudou-se recentemente - homem jovem, assim como Nietzsche, da Saxônia protestante, ou melhor, ex-comunista - para a cidade de Bonn. Depois de participar pela primeira vez do carnaval renano, durante o qual ele arriscou a vida em mais de uma ocasião, ele agora decidiu deixar a cidade nos dias de carnaval ou entrincheirar-se em casa. Ele me explicou assim seus motivos: “Du musst unbedingt mitmachen”, e que pode ser traduzido da seguinte forma: “é imperativo que você participe”. No carnaval, se é obrigado (o *musst* não é uma simples exortação) a participar, caso contrário é melhor ficar em casa. Não podemos simplesmente participar de fora, como espectadores, sem tomar parte ativamente, pois esse pode ser um comportamento perigoso. Não vamos “olhar” o carnaval, antes “fazer” o carnaval, e mais, com os outros, este é o sentido pleno da palavra *mit-machen*, que hoje se tornou uma espécie de palavra-chave para designar o valor performático de toda atividade artística e teatral e o engajamento do público na obra de arte que está se desenvolvendo no palco.

Esta é a mesma direção que acompanha o relato de um observador bem mais celebre do carnaval romano, Johann Wolfgang Goethe. Goethe havia intuído o valor performático da participação no carnaval observando a organização do evento em Roma. Embora a máquina de organização do Estado fosse enorme e impressionante, Goethe acreditava que o carnaval romano não era um espetáculo concedido pelo Estado ao povo para o seu divertimento, antes um evento que o povo deu a si mesmo, e que as organizações políticas e a polícia da cidade se contentavam em deixar acontecer, garantindo um mínimo de controle e interferência sobre o evento. Em seu texto sobre o carnaval de Roma, de 1789, Goethe afirma:

O estrangeiro que assiste o carnaval pela primeira vez, que vê e deve limitar-se a ver, não levará uma impressão completa nem agradável, que possa encantar os olhos e satisfazer os sentidos (Johann Wolfgang Goethe, *Œuvres de Goethe, Voyage en Suisse et en Italie, Le carnaval de Rome*, tradução de Jacques Porchat, Librairie Hachette, Paris 1878, vol. IX, p. 458)

“Ver” o carnaval não é suficiente. Temos que tomar parte na agitação coletiva, se quisermos entender alguma coisa. Evitar se misturar à multidão, ficar de lado para assistir exteriormente é difícil, perigoso e ilegal:

Se um homem [...] cai entre quatro ou cinco desses foliões, ele não terá como livrar-se deles. A aglomeração o impedirá de fugir e para onde quer que vire a cabeça, vai se deparar com as fantasias. Defender-se seriamente contra essas brincadeiras seria muito perigoso, porque as pessoas disfarçadas são intocáveis e todos os guardas tem ordens para defender-lhes (J. W. Goethe, *Le carnaval de Rome*, op. cit., p. 466)

O termo *be-teiligen* ou sua versão mais moderna, *mit-machen*, exprime a centralidade da participação ativa no carnaval. Um outro termo similar será utilizado por Nietzsche em um fragmento de 1885 (34[180]),⁸ no qual o carnaval funciona como metáfora da energia e do fogo da espiritualidade necessários ao homem, e não apenas ao homem de fé. Ao fim deste fragmento, Nietzsche se interroga sobre a posição e a reação que o homem deve adotar diante do fogo que arde em seu espírito contra sua vontade. Ele se pergunta se, de fato, o homem deve *dabei mit-spielen*, tomar parte no jogo, jogar junto, se envolver, ou se não vão trapacear com ele (*gespieltwerden*), com o risco de se deixar dominar por ele como um fantoche nas mãos de um titereiro qualificado. Se invertermos a metáfora: no carnaval, é preciso tomar parte, caso contrário, corremos o risco de ser enganados.

Para retornar à nossa recensão biográfica, o carnaval de 1865 é para o jovem Nietzsche um carnaval fracassado. Ele não participa de um evento que todos acreditavam que ele devia tomar parte. Quando jovem, sua escolha, como nos dirá Nietzsche, surpreendeu seus parentes. Ele fará repetidamente essa escolha derrotista. Ao fim de 1865, Nietzsche deixa Bonn para retornar à sua região de origem e estudar na Universidade de Leipzig. Como era de se esperar em uma região protestante, não haverá nenhuma referência ao carnaval até 1869. Nesta data, na verdade, Nietzsche transfere-se para a Basileia, onde acaba de obter uma vaga de professor extraordinário de literatura grega. A Basileia, apesar de localizada na Suíça, fica em sua memória como outra das cidades da Renânia, famosas por seu carnaval. Começam a aparecer referências ao carnaval em sua correspondência, sobretudo ao seu barulho infernal. 1870: “Aqui é carnaval, o que significa que o tambor começa a bater às 4:00 da matina” (*carta à sua irmã*, em 4 de março de 1870, Basileia). 1873: para escapar do carna-

⁸ O fragmento está citado como 30 [140] no artigo, no entanto não foi possível localizar a indicação. Identifiquei-o com a referência mencionada. Ver eKGWB/NF-1885, 34[180] — Nachgelassene Fragmente April–Juni 1885 e KSA 11, p. 481 (N.T.)

val, Nietzsche vai para Gersan e permanece lá uma semana desfrutando do frescor do lago. 1875: Novamente incomodado pelo barulho, Nietzsche deixa a Basileia e vai para Lucerna. Constantemente ele foge do carnaval renano, confirmando ano após ano sua vontade de não participar.

O carnaval e a Itália

1877, ao contrário, será um ano incomum. Nietzsche tira uma licença e parte em uma viagem para a Itália. Durante o período do Carnaval, ele se encontra em Sorrento, em companhia de sua amiga Malwida von Meysenbug, e decide organizar uma excursão para a cidade de Nápoles para assistir o famoso Carnaval. Na realidade, como afirma Malwida von Meysenbug em suas cartas, Nietzsche só decidiu ir a Nápoles por causa de seus problemas de vista, para consultar um oftalmologista, e o fato de assistir o Carnaval não passaria de uma coincidência. Seja como for, quer queira quer não, Nietzsche, em 13 de fevereiro, estava em Nápoles em pleno Carnaval. A chance de ver um dos mais antigos e famosos carnavais italianos, inspiraria uma reflexão recorrente nas notas póstumas daquele ano:

Assim como velhas cerimônias religiosas, de início carregadas de sentido, acabam por não ser mais do que os vestígios incompreendidos de uma superstição, de igual modo a história em geral, se já não sobreviver senão à maneira de um hábito, parecerá um absurdo mágico ou um travestimento carnavalesco. O sol que teria descido para aureolar o papa quando da proclamação da infalibilidade, a pomba que as pessoas teriam visto voar nesse momento, agora nos parecem pequenas astúcias escabrosas que só visam a iludir; mas a velha civilização está cheia delas, ainda não distingue onde começa a ilusão. Em Nápoles, por estes dias, um pomposo enterro católico avançava com seu cortejo numa das ruelas laterais, enquanto, ali bem perto, desencadeava-se o carnaval, com todos os seus carros sarapintados imitando os trajes e a pompa das civilizações de outrora. Mas esse cortejo fúnebre será também algum dia o mesmo cortejo carnavalesco da história; resta apenas a casca sarapintada que diverte, o miolo desapareceu, ou então esconde-se ali um desígnio de impostura, como nas torres de que se servem os padres para despertar a fé (F. Nietzsche, Fragmentos póstumos, 1876-77, 23[147].⁹

Seria desnecessário fazer aqui uma análise exaustiva deste belo fragmento. Mas gostaria de destacar alguns elementos apresentados neste texto. O primeiro se refere à construção retórica deste fragmento. A correspondência entre o cortejo fúne-

⁹ Fragmento citado a partir da tradução de Joana Angélica d'Ávila Melo, em Paolo D'Iorio, *Nietzsche na Itália*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2014, pp. 80-81.

bre e o desfile de Carnaval, entre o carro fúnebre e o carro alegórico ganha destaque graças à construção em quiasma da frase. Interpretar o desfile de carnaval como uma dança macabra, um desfile de mortos, não é uma invenção de Nietzsche. As máscaras no desfile, vestidas de branco, já haviam dado a Goethe e Gregorovius uma impressão de marcha de espectros e de fantasmas. A máscara, como a morte, elimina todas as diferenças e os foliões do carnaval, como os mortos, não tem rosto. Não há nada de novo nessa visão em paralelo, típica do carnaval, entre o burlesco e o macabro, a juventude e a velhice, o sexo e a morte.

Ferdinand Gregorovius falou claramente sobre o assunto várias vezes. Em seus passeios pela Itália (nos *Anos de peregrinação*, *Wanderjahre*), um belo capítulo é dedicado às *Römische Figuren*, traduzido em francês, um tanto desajeitadamente, por *Tableaux Romains* (*Quadras Romanas*):

Estas páginas, escritas em um momento de tédio, parecem como as cores de um dia de carnaval ou como as figurações de um caleidoscópio; mas tentarei colocar um pouco de ordem nesta multiplicidade de figuras, entre vivos e mortos, também se encontrarão marionetes, mímicos, dançarinos, sermões infantis, teatros populares e muitas outras curiosidades maravilhosas. (Ferdinand Gregorovius, *Promenades Italiennes*, *Tableaux romains*, adapté de l'allemand par Mme Jean Carrère, Paris, Librairie Plon, p. 1.)

As figuras romanas de que fala Gregorovius são os tipos, ou poderíamos dizer os arquétipos das formas artísticas, sociais e culturais, eventualmente as personagens da vida do povo romano. Entre eles, encontramos a descrição, bastante divertida e curiosa, do ateliê de um açougueiro que, na época do carnaval, decora os arcos com fardos de salsicha, de modo a lembrar uma igreja no domingo de Páscoa:

Assim que chega o carnaval e as prateleiras das estalagens de alimentos ganham o aspecto de pequenos templos, em que um tipo de salsicha é venerado e o açougueiro é uma divindade mística. Da mesma forma que as paredes das capelas mortuárias são cobertas de crânios e de ossos, as mercearias são cobertas de salsichas e salsichões. As paredes são revestidas de bacon e de carne, [...] o teto é um mosaico de salsichas, algumas suspensas no ar [...]. Ao fundo, abre-se uma caverna misteriosa, onde, em meio a todos os tipos de provisões, é representada a Paixão, cujos personagens são modelados com banha, depois pintados e coloridos. Nos cantos, lâmpadas brilham e pequenas velas queimam enquanto o patrão irradia alegria, orgulho e gordura, e parece exibir sua obra-prima à multidão dizendo: *Anch'io sono pittore!*¹⁰ Pesso-

¹⁰ Segundo as *Memorie istoriche di Antonio Allegri detto il Correggio* (vol. I, Parma, 1817, p. 60), do padre Luigi Pungileoni, estas palavras foram proferidas pelo pintor ao contemplar a *Sainte Cécile* de Raphael em Bolonha.

as felizes, leves como uma criança e elas próprias crianças! Mesmo assim, ele possui toda a história universal, Polichinelo, a arte, o sol do sul, flores, frutas, vinho em quantidade inesgotável. Basta olhar como este vendedor de víveres reduz a maior tragédia da humanidade em uma simples cena com fantoches e como ele avança, cercado por suas salichas, como uma aparição que expressa o triunfo sobre a morte (F.Gregorovius, *Promenades italiennes, Tableaux romains, op. cit.*, pp 12-13).¹¹

Esta exuberância de carne, especialmente de carne morta, esta contaminação entre as celebrações do Carnaval e da Páscoa, são, ao mesmo tempo, um triunfo da morte e um triunfo sobre a morte, da vida sobre a morte, da carne (da carne humana...) e da vida sobre a abstinência, a Quaresma e a morte.

A referência ao triunfo não é trivial e precisa ser interpretado ao pé da letra. Encontramos, na verdade, os triunfos, termo técnico para designar os desfiles solenes dos carros alegóricos, muitas vezes de caráter macabro ou licencioso (o triunfo da morte e do amor) na Florença dos Medicis. A tradição *carnavalesca* florentina ao mesmo tempo cortês e popular, era bem conhecida por Nietzsche, que se refere a elas muitas vezes em suas notas póstumas. De Luigi Pulci a Ange Politien ou Leonardo da Vinci, grandes artistas participaram de sua preparação em Florença, decorando desfiles de Carnaval, a composição plástica refinada e da criação de composições poéticas. O próprio príncipe, em pessoa, Laurent, o Magnífico, foi representado nesse gênero literário. A mais célebre de suas obras é a *Canzona di Bacco*, uma composição poética do gênero dos Triunfos, que descrevem uma procissão solene do carro de Baco e Ariadne; é tanto uma ode à juventude, um lamento sobre seu caráter fugaz e uma exortação a desfrutar os prazeres da vida aqui e agora, sem pensar no amanhã. O final da temporada de florescência dos Triunfos florentinos é bem conhecida, e Nietzsche recorda-se deles muitas vezes. O Carnaval florentino tombou sob os golpes do Espírito da Reforma, como nos lembra Gregorovius, e como nos descreve também Thomas Mann na *Fiorenza*. Em 21 de fevereiro de 1497, em pleno Carnaval, Girolamo Savonarole conduz pelas ruas de Florença uma peculiar procissão: um Carnaval de penitentes, que termina com uma grande pira de obras de arte, de livros e de pinturas. É uma forma estranha, mas eficaz, de “Queimar o carnaval na fogueira”, e com ela a experiência cultural carnavalesca inteira da Renascença florentina. O espírito da Re-

¹¹ A seção do texto depois de “Pessoas felizes” até o fim da citação não foi traduzida na versão francesa de referência. Traduzi este parágrafo de acordo com o original alemão localizado em Ferdinand Gregorovius, *Wanderjahre in Italien*, Auswahl in zwei Bänden, v. I, *Römische Figuren*, p. 49.

forma, o espírito da Quaresma, finalmente as razões da vitalidade do espírito do Carnaval, do espírito da Renascença.

Mas voltemos às impressões de Nietzsche sobre o Carnaval napolitano, pois há um último ponto que gostaria de comentar. A primeira experiência direta do Carnaval é, para Nietzsche, a oportunidade para uma reflexão sobre o sentido da história e das coisas humanas, que remete ainda uma vez - e como poderia ser diferente? - à reflexão sobre o sentido da morte desfiles de Carnaval. Apelemos novamente a Gregorovius e seu *Wanderjahre in Italien*, que nos oferece um painel suntuoso do espírito da cidade de Roma e de seu Carnaval como metáfora da história.

Esta cidade de Roma é realmente um mundo de figuras originais. Você pode encontrar representações em imagens do desenvolvimento de toda a história do mundo nos Museus do Vaticano, do Capitólio, também nas igrejas, nas fontes de Bernini e no teatro de fantoches. Se infundiu vida em todas estas imagens, poderíamos expulsar da cidade toda população atual e seria interessante ver o que iria acontecer, começando com o Apolo Belvédère, o pequeno clown da Piazza Montanara e o pobre santo Erasmus, com os intestinos dilacerados. Este não é apenas um entretenimento burlesco para a fantasia, mas um argumento para reflexões mais graves. Na verdade, todas essas figuras, figurinos e imagens de deuses, homens e animais são, simultaneamente, figuras históricas da humanidade e representam o desenvolvimento de coisas humanas durante muitos séculos. E, finalmente, este marionetista poderia tomar o seu lugar ao lado de Laocoonte e exclamar *Anch'io son Laocoonte!*¹² [...] É hora, na verdade, de baixar a cortina e colocar todos esses bonecos em suas caixas! E, como afirma Dom Quixote: “Pois o mesmo ocorre na comédia e trato deste mundo, onde uns fazem de imperadores, outros de pontífices e, enfim, todas quantas figuras se podem introduzir numa comédia; mas em chegando ao fim, que é quando se acaba a vida, a todos a morte lhes tira as roupas que os diferenciavam, e ficam iguais na sepultura”.¹³ [...] Mas quem ainda está interessado na vida ou na morte de imperadores, papas, cardeais ou qualquer outra pessoa aqui em Roma? Em meio a todas essas grandes ruínas da história do mundo, qualquer coisa seria grande, solene, mas aqui torna-se insignificante, como uma marionete. É aqui que reina cheiro quase púrpura, e o ar está impregnado como nomes de imperadores e papas falecidos.¹⁴ (F. Gregorovius, *Promenades italiennes, Tableaux romains*, op. cit., p. 46.)

¹² Este parágrafo, a partir do início da citação, não foi traduzido a partir da edição francesa de referência. Traduzi a partir do original alemão (Ferdinand Gregorovius, *Wanderjahre*, op. cit., v. 1, p. 49). Para a citação italiana *Anch'io son Laocoonte*, ver nota 8.

¹³ A citação do *Dom Quixote*, de Miguel de Cervantes, foi extraída do capítulo XII, Segundo livro, *Da estranha aventura acontecida ao valoroso D. Quixote com o bravo cavaleiro dos espelhos* [citado aqui a partir da tradução de Sérgio Molina, *O engenhoso cavaleiro D. Quixote de La Mancha*. São Paulo: ed. 34, p. 162].

¹⁴ Este parágrafo final, depois de “Mas quem ainda está interessado” não foi traduzido a partir da edição francesa de referência. Traduzi a partir do original alemão (Ferdinand Gregorovius, *Wanderjahre*, op. cit., v. 1, p. 77).

Como se dera na oficina do açougueiro, a humanidade inteira e a história universal se tornam marionetes nas mãos eruditas do titereiro, do povo romano. Uma cidade como Roma, que preserva o vestígio dos séculos, é certamente o lugar ideal para contemplar milhares de anos de história desabar uns sobre os outros, reduzidos a nada, a um inútil amontoado de eventos e datas, desejos, veleidades e de vaidades. O Carnaval romano, como suas máscaras e suas zombarias, é uma espécie de apoteose da vida de Roma, cidade eterna e guardiã, ao mesmo tempo, da grandeza e da vaidade do mundo inteiro. Mas retornemos para nossa teoria do carnaval na vida de Nietzsche: vejamos se os elementos descritos até aqui se refletem mais explicitamente em sua experiência. Em 1882, Nietzsche está em Gênova. Em uma carta a seu amigo músico Heinrich Köselitz, conhecido pelo pseudônimo de Peter Gast, Nietzsche pede desculpas por ter, novamente, perdido o carnaval de Veneza e promete, novamente, participar dele no próximo ano. A promessa contida na carta (de todo modo uma promessa não cumprida) trazia uma condição: Nietzsche iria a Veneza apenas se Köselitz participasse do Carnaval a seu lado. Para retornar ao problema da participação, temos uma pista no léxico da própria carta: *dabei "beteiligt"* (Carta a Heinrich Köselitz de fevereiro de 1882). Também neste caso, se trata de uma participação bem mais ativa do que se poderia imaginar. A condição imposta por Nietzsche, na realidade, era uma alusão bem clara. Na verdade, estava agendado para o ano seguinte, exatamente no período de Carnaval, a representação de uma obra composta e dirigida pelo próprio Köselitz, *Il Leone di Venezia*.¹⁵

Mesmo que ele não tenha partido para Veneza por ocasião do carnaval de 1882, Nietzsche ainda não está totalmente imune a este evento europeu quase universal. Gênova também tem seu Carnaval, então nada melhor do que organizar uma excursão ao cemitério monumental, para ficar no espírito da manifestação. Continuemos nossa jornada pelos anos seguintes. Em 1886 Nietzsche está em Nice, cidade francesa, é claro, mas há pouco tempo¹⁶ pois ela é italiana em seu espírito. Para escapar ao carnaval barulhento de Nice, Nietzsche vai para Cannes. Em 1887, em uma carta a Franz Overbeck, encontramos uma referência ao Carnaval que parece uma ameaça: "Carnaval é debaixo de minha janela" (Carta a Franz Overbeck, 23 de feve-

¹⁵ O Carnaval, o Carnaval de corso em particular, terá um papel central em outra obra de Köselitz, *Il matrimonio segreto*; isto lhe dará uma atmosfera ao mesmo tempo sensual e cruel, que reportaria Nietzsche à ópera contemporânea de Bizet, *Carmen*.

¹⁶ A cidade de Nice, já anexada à França por um breve período em 1792 e retornou ao Reino da Sardenha após a queda de Napoleão em 1814, passaria definitivamente à França em 1860, na sequência dos *Accords de Plombiers*, que atribuiu a esta nação compensação territorial da parte do Estado italiano nascente em gratidão pelo papel de apoio desempenhado durante o *Risorgimento*.

reio de 1887). Em 1888, em Nice, ele intensifica a perseguição: “Carnaval na frente da minha porta” (Carta à Franziska Nietzsche, 23 de janeiro de 1888). O Carnaval de 1888 é o último de que nós temos notícias; em tese, é com ele que devemos finalmente rever os carnavais da vida de Nietzsche. Considerando todos os elementos até agora revistos, podemos definir a vida de Nietzsche como uma fuga do carnaval. Mas poderíamos acrescentar mais um pequeno capítulo nessa história. Podemos afirmar, de fato, com alguma segurança - e sem o risco de contradição da parte de Malwida - que pelo menos uma vez Nietzsche foi voluntariamente de sua casa para as ruas para ver o carnaval.

Nice, 23 de fevereiro de 1887, Quarta-Feira de Cinzas. Depois de uma noite de loucura e de festa no último dia de carnaval, um terremoto devasta a Riviera e causa enormes danos e centenas de mortes. Pela manhã, Nietzsche sai de casa para ver o estado da cidade ferida. Ele, então, envia suas impressões em uma carta endereçada a Reinard von Seydlitz:

Aqui em nossa terra ensolarada, temos muitas outras coisas com que nos preocupar. Faz algum tempo Nice comemorou seu longo e internacional Carnaval (principalmente com os espanhóis, é preciso dizer) e justamente às seis horas da última pirueta, houve novos estímulos à existência bastante incomuns, raros de experimentar. Nós vivemos, de fato, um interessantíssimo êxtase, graças a um bom terremoto que fez gritar os arredores e não apenas os cães (Carta a Reinard von Seydlitz, 24 de fevereiro de 1887).

Nosso desfile de carnaval nietzscheano termina com estas notas duplamente cínicas. O trágico evento sísmico de fevereiro de 1887 se mostra a Nietzsche em sua extraordinária coerência com a festa que a precedeu. O que parecia ser um festival de vida acaba por ser uma celebração da morte. Esta conclusão não poderia surpreender Nietzsche, ele que havia feito desta consciência, podemos dizer, o núcleo mais preciso de sua filosofia. Desde *O nascimento da tragédia*, a plenitude da vida não podia deixar de incluir para Nietzsche a plenitude da morte. No entanto, é interessante notar como o filósofo foi capaz de perceber e entender mais claramente este binômio indissolúvel da vida e da morte, sempre evitou a lógica envolvida, recusando-se, ao todo, sua participação na vida. É, talvez, assim que podemos interpretar sua fuga constante do carnaval.

Gostaria de concluir com as palavras de outro grande observador do carnaval, Goethe, muito próximas às de Nietzsche. Ele era um observador mais capaz do que Nietzsche, tanto no envolvimento direto como na distância necessária para a observação fina. Goethe, como Nietzsche, foi claramente capaz de distinguir entre a observa-

ção e a vida, tomando a distância necessária à ciência sem renunciar à adesão à vida. O último capítulo de suas breves páginas descrevem assim o fim da festa:

Uma festa extravagante que aconteceu como um sonho, como um conto de fadas, e se por acaso o participante retenha na alma menos que nossos leitores, diante de cuja imaginação e intelecto apresentamos o todo e seu conjunto. Se no decorrer dessas loucuras o grosseiro polichinelo nos lembra, impertinente, os prazeres do amor aos quais devemos nossa existência;¹⁷ se um Baubo revela em um lugar público os segredos de uma parteira; se a profusão de velas acesas durante a noite nos recorda a cerimônia póstuma, é porque no meio de tanto desvario nos vem à cabeça as cenas mais importantes de nossa vida. A rua estreita,¹⁸ larga, cheia de uma multidão compacta, na qual cada espectador e ator, como o rosto descoberto ou de máscara, da sacada ou da tribuna, não consegue ver muita coisa no espaço reduzido que tem diante de si e ao seu lado. Seja a pé ou montado na carroça, avança lentamente passo-a-passo, mais pelos empurrões dos outros que por sua própria vontade, mais por força que por vontade própria e só tem vontade de chegar a um lugar no qual as coisas sejam melhores ou mais alegres, para terminar de novo metido em um aperto e ser novamente expulso [...]. E assim, sem que tivéssemos pensado, nosso carnaval terminou com uma meditação própria da Quarta-Feira de Cinzas, com a qual não tememos ter entristecido a nenhum de nossos leitores. Pelo contrário: posto que a vida é como o Carnaval de Roma, segue sendo *em seu conjunto* inalcançável, ingrata e ainda não isenta de perigos; gostaríamos que este despreocupado grupo de mascarados recorde a importância de todos os prazeres momentâneos que nos brinda a vida e que parece às vezes trivial (Goethe, *Œuvres, Le Carnaval de Rome*, op. cit., vol. IX, p. 484.).

Recebido em 15.09.2017.

Aceito para publicação em 14.11.2017.

© 2017 Carlotta Santini. Esse documento é distribuído nos termos da licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional (http://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/deed.pt_BR).

¹⁷ No original alemão, Goethe se refere expressamente a Baubo, figura mítica da velha comitiva de Deméter, que teria rido da deusa mostrando de modo obsceno seus órgãos sexuais para lembrá-lo de sua capacidade de procriar. A este respeito, ver nota 4.

¹⁸ A rua do Corso, onde se desenrola Carnaval e, em particular, a *corsa*, a derradeira corrida de cavalos que encerra o desfile.